

U Job 23-1-960

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### RÊDES E LAGOSTAS

DUAS histórias me contaram no Ceará, que eu não pude apurar bem, mas vou passar adiante porque são verdadeiras — e interessantes.

A primeira é a da fábrica de rédes "Philomeno", tão antiga, tão conhecida e tão boa que era mais que uma empresa, era uma instituição. Fabricando o tecido, as rédes e também toalhas, ela empregava mais de mil pessoas. Fechou, me disse um seu empregado (não tive tempo de procurar um sócio) "por falta de mercado". Fatores diversos aumentaram a um tal ponto o custo da produção, que as compras começaram a diminuir. Homem de posses e princípios, o sócio principal não quis pedir concordata: pagou a todos os credores, satisfaz tôdas as indenizações trabalhistas e parou a fábrica, limitando-se agora a colocar o seu estoque. Era a melhor indústria de rédes do Brasil e, provavelmente, do mundo.

Se êsse fracasso me assusta, o outro caso, que é de êxito, não me assusta menos. Um francês, chegado a Fortaleza há pouco mais de dois anos sem dinheiro algum, tanto virou e mexeu que acabou montando uma empresa. Organizou a pesca de lagostas, e as exporta para os Estados Unidos. Em um dia da semana, quando eu estava em Fortaleza, êsse francês, de quem sei apenas que se chama Paul, disse a um amigo meu, que estava muito contente: a noite anterior fôra a mais feliz de suas pescarias: matara 15 mil lagostas. Para que não haja dúvidas: quinze mil. Normalmente a safra diária oscila entre nove e treze mil lagostas.

Desencontrei-me do Sr. Paul, e foi pena. Queria cumprimentá-lo pela sua atividade e êxito, mas também perguntar-lhe se êle não estará matando a lagosta das ovas de ouro. Sei que a lagosta se reproduz abundantemente, mas me pergunto se tão amplo massacre não é de molde a comprometer a criação.

Eis minhas duas perplexidades cearenses.